

O MUNDO É URGENTE: A LITERATURA DE IVÁN MONALISA OJEDA Entrevista com Luiz Henrique Moreira Soares¹

Thürler: Luiz, você está prestes a defender uma tese de doutorado sobre Iván Monalisa Ojeda? Fale um pouco sobre ela.

Luiz Henrique Moreira Soares: Iván Monalisa Ojeda é artista dissidente, imigrante chilena e *transgender two-spirit*, nascida em Llanquihue, cidade localizada na Região de Los Lagos, ao sul do Chile, em 1966. Trata-se de uma das vozes mais importantes na narrativa latino-americana contemporânea, pois, por meio de seus contos/crônicas, de gênero flutuante e indefinido, a escritora personifica uma comunidade de travestis-locas de Nova York, sobrevivente desde os fins da década de 1990. Sem príncipes encantados, a comunidade aparece nessas narrativas como a personagem principal, flagrando movimentações históricas, as iniciativas de gentrificação dos bairros nova-iorquinos e as políticas de controle dos imigrantes ilegais. A literatura de Monalisa Ojeda, nesse quadro, pode significar a expansão da herança de um conjunto de práticas culturais “degeneradas”, denominadas por Gabrielle Bizzarri como “Queeramérica”, parte de um *corpus* literário travesti em processo de ebulição, encenando pulsões e visões sobre a violência cotidiana e as (im)possibilidades do afeto.

Thürler: O que seria *transgender two-spirit*?

Luiz Henrique Moreira Soares: *Two-spirit* é um termo cunhado por nativos norte-americanos e canadenses na década de 1990. Refere-se aos indivíduos que articulam os dois “espíritos”, masculino e feminino, além de deslocamen-

¹ Doutorando e mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPG-Letras), da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) Campus de São José do Rio Preto. Possui graduação em Letras/Inglês pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) Campus de Jacarezinho, e Pedagogia pela Universidade Anhembi Morumbi. Possui textos literários publicados em diversas revistas literárias do Brasil e do exterior.

tos de identidades e papéis fixos de gênero e de conceitos arquitetados pelo processo histórico de colonização. Nos entremeios dessa identidade – ou de um mosaico identitário, pois a autora congrega a experiência da imigração e da prostituição nesse jogo – podemos entender como a produção de Monalisa Ojeda opera, articulando e questionando os binarismos que constituem uma identificação legível, legítima e controlada pelo Estado.

Thürler: E a relação de Iván Monalisa Ojeda com o teatro?

Luiz Henrique Moreira Soares: Antes, é importante dizer que a história de Iván Monalisa Ojeda é um projeto ainda em processo de registro. Inicia o curso de Direito na Pontificia Universidad Católica de Valparaíso (PUCV), ainda como Iván Ojeda, mas logo abandona para estudar Artes Dramáticas na Universidad de Chile (UCh), em Santiago. A efervescência cultural do ambiente acadêmico a possibilita conhecer e firmar contato com figuras eminentes da vanguarda santiaguina, como Sérgio Parra, Pedro Lemebel e Francisco “Panchito” Casas (estes dois últimos, especialmente, fundadores do coletivo de arte Las Yeguas del Apocalipsis).

Durante o curso, Iván Ojeda elabora performances artísticas em diálogo com o contexto chileno de contracultura, de expressão e busca por liberdade democrática. Em 1992, aos 25 anos, monta a primeira peça de teatro, intitulada *BUFONADA*, na qual encena as possibilidades de desconstrução de noções identitárias fixas, especialmente ao colocar como protagonista uma travesti chamada Él/ella. No mesmo ano, apresenta *Alexina, un deseo interferido*, peça baseada nos textos do poeta chileno Juan Luis Martínez e nos escritos sobre sexualidade de Michel Foucault. A peça conta com a participação de vários artistas, como Carmen Berenguer, Virginia Errázuriz, Eduardo Cáceres e Magali Rivano.

Thürler: E só depois ela segue para Nova York?

Luiz Henrique Moreira Soares: Isso. A viagem ocorre em 1995, quando Iván Ojeda recebe uma bolsa para participar de uma residência literária para escritores emergentes de teatro na Dramatist School, em Nova York. Esse

curto período de trabalho criativo transformou-se em uma jornada corrente de mais de 20 anos. Em Nova York, Iván Ojeda conhece a experiência *callejera*, o trabalho sexual das travestis latinas e as identidades de gênero cambiantes, construindo, ao mesmo tempo, novas formas de expressão artística e identitária. Em entrevista a Felipe Sánchez Villarreal, em 2019, ela diz: “Aqui nasceu Monalisa”, evidenciando um processo no qual a construção da identidade relaciona-se de modo explícita ao próprio deslocamento geográfico desse corpo artista e dissidente.

Thürler: E assim, ela permanece em Nova York...

Luiz Henrique Moreira Soares: É, Iván Monalisa Ojeda assume a identidade de *two-spirit transgender* e nunca mais volta para o Chile. No começo vive ilegalmente, trabalha como prostituta e compõe uma rede de afetos com travestis e prostitutas latinas. No entanto, é importante evidenciar que o imaginário *queer/cuir* de Monalisa Ojeda não surge necessariamente em Nova York, mas encontra nesta cidade um material historicamente denso – o que constituirá a potência de suas narrativas. Embora ofereça subsídios de interconexão artística e identitária, esse imaginário parece ter sido gestado muito antes: implica e revela um projeto sem origem aparente, mas conectado a um conjunto de experiências sexuais, afetivas, culturais e políticas; organiza-se quase como um projeto de vida, um projeto de (trans)formação inconclusa que encontra, na literatura, no cinema, no teatro e na performance, modos outros de transmissão e de sensibilidade.

Thürler: Fale mais sobre a importância da “experiência *callejera*” na literatura de Monalisa Ojeda.

Luiz Henrique Moreira Soares: O contato com a vivência *callejera*, especialmente a prostituição, é o elemento primordial nos deslocamentos identitários e artísticos experimentados por Iván Monalisa Ojeda, pois as narrativas, escritas inicialmente à mão, focalizando experiências sexuais e afetivas, múltiplas e complexas, individuais e coletivas, de sujeitas indocumentadas atravessadas pelos aparelhos estatais de regulação, encontram rastros de influências em

diversos artistas, que se mantiveram fiéis à sua identidade e ao lugar a que pertencem, como Pedro Lemebel e Las Yeguas del Apocalipsis, Carmen Berenguer, Escilda Greve, Charles Bukowski, Jean Genet e Copi, podendo citar, ainda, Lucia Berlin e Diamela Eltit. Nesse processo, a repetição de temas, lugares e personagens estrutura o caráter potente dos textos de Monalisa Ojeda, justamente por negar a obsolescência – um desejo imperialmente capitalista –, ao passo que o ritmo ágil de narração e a brevidade das narrativas conformam tanto a urgência do relato – os sentidos gerados em torno da necessidade política e cultural de apontar perspectivas não hegemônicas no contexto estadunidense do século XXI – quanto flagram, estruturalmente, o plano de fundo regente das histórias narradas, composto por relacionamentos esporádicos, perdas, transações sexuais, desventuras, desilusões e consumo de drogas ilícitas, cujos efeitos são mais ou menos passageiros.

Thürler: Quando foi publicado o primeiro livro de Monalisa Ojeda?

Luiz Henrique Moreira Soares: Em 2014 sai o livro *La misma nota, forever*, pela Sangría Editora – uma editora de pequeno porte fundada em 2008 pelos escritores chilenos Mónica Ríos e Carlos Labbé. A versão bilíngue do livro foi publicada em 2016, na coleção Legibilities, dedicada a trazer visibilidade a perspectivas pouco representadas nos Estados Unidos. A obra é composta por nove narrativas: “La gata siamesa”, “El fan club de la Turner”, “El nene ese le enseño a pelear”, “El chico de al lado”, “Un slave”, “La misma nota, forever”, “House of dreams”, “Lo que necesito es dinero” e “Estas son nuestras banderas”. O fio condutor e o cenário criativo unificador dos textos é o caráter representacional das vivências de travestis-locas em Nova York, nos fins do século XX e início do século XXI.

Thürler: Parafraseando o Héctor Andrés Hojas, *La misma nota, forever* elabora um aspecto profundo sobre a experiência travesti-loca em Nova York, é isso?

Luiz Henrique Moreira Soares: É, o foco narrativo dos textos escritos em primeira pessoa flagra os momentos anteriores ao controverso projeto de gentri-



ficção urbana em bairros nova-iorquinos, a perseguição e o monitoramento de imigrantes após o atentado ao World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, bem como os trânsitos, as transações e os modos de sobrevivência de uma comunidade travesti-*loca* em um palco de expressão de perigo iminente à existência. Esses textos, primariamente, objetivam construir uma identidade e um espaço, portanto, trata de demonstrar, não somente os modos de (sobre) vivência de uma comunidade, mas construir essa comunidade como imagem política e cultural potente, permeada de saberes e negociações, que partilha o sensível de situações não lineares, repetitivas, combinadas e por vezes aparentemente banais, mas congregadoras de tensões e desequilíbrios. Monalisa Ojeda utiliza uma série de situações e experiências para compor combinações, repetições, modos de elaborar imagens possíveis sobre uma vivência ao mesmo tempo particular e coletiva, diferente e igual, minoritária, clandestina, imigrante, travesti-*loca* – uma potência enunciativa comunitária.

Thürler: Mas uma “potência enunciativa” também difícil de definir, enquadrar...

Luiz Henrique Moreira Soares: Sim. Pois pensar em uma dimensão conceitual e delimitadora em torno das narrativas de Monalisa Ojeda me parece impossível. Figuram-se categoricamente como contos, a brevidade temporal latente e os interstícios autobiográficos assemelham-se a crônicas, mas a leitura conjunta das histórias sugere o aspecto de novela. No entanto, esse “espaço de indefinição” resulta um componente importante para entender os modos de construção e *deslocamento* investidos temática e formalmente nesses textos. Ao trabalhar nas fronteiras dos gêneros (*gender* e *genre*), as definições de “ficcional” e “real”, de “memória” e “invenção”, bem como o tradicionalmente definido como “masculino” e “feminino”, deslizam em um inventário de histórias e de identidades travestis – um inventário de histórias de travas. Essas noções, na escrita de Monalisa Ojeda, não são opositivas, mas se constituem como esferas contaminantes e regurgitadoras do exercício de criação e de urgência enunciativa de corpos atravessados pelas legislações e pelo controle do Estado.

Thürler: Quando é que as percepções em torno da obra de Monalisa Ojeda como um projeto literário-político tomam contornos evidentes?

Luiz Henrique Moreira Soares: Em 2019, com a publicação, agora pela Al-faguara, de sua segunda obra, *Las biuty queens* – e, posteriormente, em 2021, com a tradução para o inglês publicada pela Astra House. Composta por treze textos, e lida como um trabalho continuado de registro de uma comunidade historicamente violentada, a obra aprofunda as discussões levantadas pela autora em *La misma nota, forever*, como a questão da imigração, a prostituição e o consumo de drogas, bem como segue a mesma estrutura de narrativas breves, no limiar do conto e da crônica. Nesses textos, a morte aparece como elemento mais complexo, cotidiano e incorporado, tal como a exclusão e o não lugar; há a presença da denúncia social, das superstições e dos saberes, das violências e abusos, das relações familiares conflituosas, do envelhecimento, da rotina das travestis-locas em Nova York e os modos de vivência e resistência, os ambientes disciplinares (prisões e clínicas psiquiátricas), a (des)figuração de identidades e dos espaços, além, é claro, das redes de afeto e solidariedade tecidas entre as personagens.

Thürler: Por fim, como podemos visualizar essa urgência enunciativa?

Luiz Henrique Moreira Soares: No universo de Monalisa Ojeda, os temas e as formas relacionam-se diretamente à necessidade e à urgência de enunciação, pois colocam em primeiro plano subjetividades potentes, corpos estranhados às normas de gênero, sexualidade, desejo e comportamento, atravessados por dinâmicas de violência (imigração, transfobia, perseguição policial), e imersos em narrativas que jogam com a inversão de hierarquias (ativa/passiva, vida/morte, luz/sombra), a produção de espaços de interação (parques, pontes, quartos de pensão, praias, bares, clubes de *stripper*), bem como a viabilização de imagens transfiguradas de identidade (travestis-locas, drags, imigrantes latinos). Além disso, a presença de uma comunidade travesti-loca é evidente: há um *nosotras* intrincado no discurso, revelando que se trata de enunciação coletiva – por isso potente e politicamente urgente. Essa insistência no discurso, no dizer, no rememorar, faz da literatura de Monalisa Ojeda um importante regis-

tro literário/histórico/político das experiências de travestis-*locas*-imigrantes-
-prostitutas, pois as palavras permanecem, como memória – uma semente/ato
contra o esquecimento e a morte.